

# ***O VALOR DA VIDA***

Litas Ricardo

## *Dedicatória*

Nunca deixando de reforçar os meus  
agradecimentos aos meus filhos e ao meu marido,  
por estarem sempre do meu lado para traçar continuar a loucura  
de passar horas no computador,  
tenho também de agradecer a uma amiga  
dos transportes públicos  
pela ideia do mote: um amor impossível, ou quase ...

Sou uma mulher muito simples, nascida a poucos quilómetros da linda e histórica cidade de Santarém, numa linda aldeia que me acolheu desde que nasci, no primeiro dia do mês de maio de 1974, até ao dia que por motivos diversos, se considerou ser o melhor mudar para viver na cidade, para a linda cidade de Santarém

A minha família não é financeiramente abastada, mas posso classifica-la como sendo classe média. Sempre vivemos do trabalho agrícola que os meus pais ergueram com muito trabalho e perseverança.

Somos quatro irmãos, fruto de um casamento que sempre considerei duradouro por ser proveniente de um grande amor. Já lá vão uns anitos de vida em comum e os momentos de carinho permanecem, assim como as palavrinhas doces. Para mim o casamento dos meus pais é um modelo a seguir, não só porque trabalharam e construíram a vida familiar sempre ao lado um do outro, como também porque nunca percebi que eles alguma vez tivessem discutido um com o outro, aliás, eles estavam sempre em concordância, inclusivamente no que dizia respeito à nossa educação.

O meu irmão mais velho chama-se João, a seguir tem o meu irmão Hélder, logo de seguida estou eu e finalmente o meu irmão mais novo o Hélio. Uma mulher no meio de tantos homens, não é assim tão fácil, mas consegui viver bem com a minha realidade.

Olhando para trás, vejo-me como uma miúda muito precoce mas vitoriosa, talvez devido aos genes herdados dos meus pais, mas sobretudo devido à educação que eles me deram bem como aos seus votos de confiança em todo o meu processo do meu crescimento do crescimento dos meus irmãos.

Comecei a namorar muito cedo com aquele que foi sempre o meu companheiro, o Fernando, a quem carinhosamente sempre apelidei de “*meu Nando*”. Morámos sempre lado a lado, porque as casas dos nossos pais só estavam divididas por uma estreita serventia. As famílias deram-se sempre bem como vizinhos e como amigos o que talvez nos tenha proporcionado o namoro, até porque passávamos imenso tempo juntos. Sempre que nos era permitido, estávamos juntos. Falávamos imenso sobre tudo, estudávamos e quando nos juntávamos nas brincadeiras com os outros colegas, vizinhos ou amigos, fazíamos batota para ficarmos sempre os dois juntos.

A bem da verdade, fazíamos batota até com os nossos pais para podermos ficar ainda mais tempo juntos, como se não bastassem os nossos encontros na escola e fora da escola, ou até na terra tanto nas atividades de fim-de-semana, como no café ou mesmo

simplesmente na rua. Eu amei muito e ainda amo o meu Nando fazendo-me sentir tantas e tantas vezes “*Nandodependente*”, como diziam os meus irmãos, mas também me senti muito amada, adorada e respeitada.

A vida no entanto deu-nos algo inesperado, aliás, muito inesperado. Como é que podemos pensar que nunca acontece connosco? O que a vida nos deu fez mudar o traçado talvez chamado de natural, pelo menos numa aldeia em pleno ano 1989, onde os tabus e a vergonha estavam bem vincados em cada habitante. Eu tinha apenas dezasseis anos e ele, dezoito quando...

- Olá miúda linda, vemo-nos mais logo? – questionou o meu Nando com o olhar maroto a rir-se para mim e ao mesmo tempo a piscar o olho.

- É claro que sim. Queres que seja no nosso lugar especial? – respondi referindo-me a um lugar especial que havia em casa dos pais dele.

- Claro que sim. Espero por ti miúda.

Bem, como se deve calcular, ao referir “*lugar especial*”, logicamente que já tínhamos passado “*as marcas*”, como dizia a minha mãe. Encontro a encontro, acabei mesmo por engravidar do meu filho mais velho que quando nasceu, eu contava com dezassete anos.

- Nando, temos de conversar os dois sobre um assunto sério – pedi naquele encontro.

- O que tens miúda linda? Porque é que estás a chorar? Que assunto sério é esse que te faz chorar? – questionou a limpar-me as lágrimas que teimavam a cair dos meus olhos, e que em segundos me levou a chorar de tal forma que nem sequer conseguia falar, deixando-o preocupado – Então miúda, estás a deixar-me preocupado. Fala comigo.

- Estou com duas faltas e...

- Mas o que é isso de duas faltas? – questionou a olhar para mim com uma expressão facial que me provocou uma gargalhada misturada com o choro compulsivo.

- Isso quer dizer que estou grávida Nando – como se fosse uma mola, ele levantou-se e começou a caminhar nervoso à minha frente -. E agora? Em vez de estares aí nervoso podes dizer-me o que vamos fazer agora?

- Bem... Deixa-me pensar miúda...

- Queres que eu faça...

- Nem penses em fazer um aborto. Somos muito novos é verdade e ainda estamos a estudar, mas vamos dar a volta por cima e esse bebé vai nascer – ainda nervoso, o que se notava bem no tom da sua pele que começava a ficar encharcada de suor e no tremor das suas mãos, ele voltou a sentar-se junto de mim, limpou novamente a minha face e concluiu, depois de um longo beijo -. Vamos ter de falar com a nossa família mas, primeiro, vamos

pensar o que queremos fazer da nossa vida para que quando formos falar com eles, já termos a nossa opinião formulada com consciência.

- Nando amas-me o suficiente para ficar comigo? – questionei com medo da resposta que pudesse vir a ouvir, até porque eu gostava mesmo muito dele, não, amava-o é a palavra correta.

- Sim miúda linda. Olha para mim – obedeci -. Neste momento estamos muito nervosos, por isso é melhor dormirmos esta noite e pensarmos bem em nós e amanhã encontramos-nos novamente aqui para falarmos com mais calma. Concordas? – acenei a cabeça no sentido afirmativo - Eu não tenho dúvidas dos meus sentimentos, mas somos novos e ainda estamos a estudar, além de que me pegaste de surpresa, e também porque já conheces a minha opinião a respeito do bebé e... Bem, sinto que é mesmo o melhor a fazermos agora. Dormirmos esta noite e pensarmos os dois sobre este assunto, especialmente sobre o que queremos para nós próprios. Em conjunto, amanhã decidimos o que queremos fazer da nossa vida – à medida que ele falava, os seus olhos não deixaram de olhar nos meus e a sua voz mostrava-se serena apesar de ainda se mostrar trémulo.

- Talvez tenhas razão, mas estou cheia de medo. Lamento mas não consigo deixar este sentimento de lado.

- Miúda, aconteça o que acontecer, e neste momento nem consigo imaginar o que vem aí, quero que saibas que estarei incondicionalmente sempre ao teu lado. Bem, na realidade não estás sozinha com esse sentimento pois eu também estou com medo, mas juntos vamos decidir o melhor para nós e só assim conseguiremos o que quisermos – disse a sorrir numa tentativa de me acalmar.

- Também tens medo? – questionei surpresa.

- Nunca falámos em fazer uma vida os dois com esta idade, e muito menos falámos em filhos, não é verdade?

- É verdade. Tenho de dizer que tens novamente razão. Tens de ganhar sempre? – rimos e abraçamo-nos.

Depois das despedidas, seguimos cada um a sua vida. Assim que cheguei a casa, todos perceberam que estava nervosa e, preocupados, questionaram-me várias vezes sobre o que se estava a passar para me encontrar naquele estado. Claro que a minha resposta foi sempre a mesma, ou seja, que estava bem. Ainda me recordo que a minha mãe pediu ao meu pai para deixar de me questionar, pois talvez eu estivesse com a menstruação, o que alteraria as minhas hormonas, mas mal sabia ela que isso era mesmo impossível no meu estado.

Aquela noite foi horrível pois não consegui dormir. Se por um lado estava mais descansada por saber que o meu Nando queria assumir o nosso filho e que ele estava totalmente do meu lado naquela que ia ser para mim uma fase complicada, não só por causa da idade como por muitos outros motivos, por outro lado sentia-me nervosa por não conseguir sequer imaginar o desfecho da minha vida com ele e também estava aterrorizada por causa da gravidez.

Aliado a tudo isto, tinha ainda medo dos meus pais. Na verdade não era só medo mas também muita vergonha. Assumir perante os meus pais, os pais do meu Nando e até a sociedade que naquela idade eu já tinha uma vida sexual ativa, provocara-me vergonha e angústia pois a minha vida ia dar uma grande reviravolta.

No dia seguinte, tal como combinado, ou seja, depois da minha última aula e no nosso lugar especial, lá estava eu à espera do meu Nando para juntos tomarmos uma decisão difícil e que nos ia acompanhar o resto da nossa vida. Apesar de o conhecer desde sempre e de saber que ele era muito responsável, na realidade estava trémula por ter receio de que ele não aparecesse. Não nos encontramos o dia todo na escola o que não me ajudou muito, mas estava esperançada que ele não falhasse num momento tão responsabilmente importante.

- Olá Nando. Não te vi o dia todo, por onde andaste? – questionei a aproximar-me dele.

- Miúda linda, estavas com medo que eu não viesse? – afirmei que sim – Até parece que não me conheces. Pensaste em nós? – questionou a abraçar-me, tendo-nos sentado de seguida.

- Pensei e muito, mas não consegui concluir nada sem primeiro te ouvir. Tenho é muito medo e... Tenho tanta vergonha.

- No que respeita ao medo, até que é normal e natural mas quanto à vergonha, faz-me pensar. Se tens vergonha como é que andas comigo há tanto tempo?

- Não é vergonha de ti ou do que fizemos até porque eu amo-te, mas é aquela sensação de que todos vão falar de nós e...

- Que se lixem os outros. Ouve miúda, as pessoas vão falar muito no início mas depois calam-se. Ei, nós é que temos de viver com a situação que ambos criámos sem querer – hesitou -. Disseste sempre que tomavas os comprimidos, o que se passou? Esqueceste-te?

- Não! Claro que não! Talvez o efeito fosse cortado por causa dos medicamentos para os dentes. Lembras-te que estive mal das gengivas e dos dentes não lembras?

- Sim, lembro-me. Nem pensámos nisso miúda.

- Também agora já não importa. O que pensaste sobre nós deste ontem?

- Tal como te disse, quero muito que o nosso filho venha ao mundo, não duvides do que te digo – abraçámo-nos.

- Tudo bem, mas isso não chega.

- Eu sei. Assim que sairmos daqui vou assumir as minhas responsabilidades perante os teus pais e depois perante os meus.

- Entendes esta gravidez como uma prisão ou uma coisa mal feita e em que tens de assumir responsabilidades por obrigação? - questionei nervosa.

- Claro que não! Tu bem sabes que não sou pessoa de andar em cafés e em grupos... Miúda, ficar ao teu lado não é uma prisão – respondeu carinhosamente a sentar-se junto de mim e a acariciar-me a barriga -. Miúda, já estamos juntos há dois anos, alguma vez me viste por ai com os outros da minha idade?

- Na verdade não. Ouve, não consigo deixar este sentimento de medo e... Meu Deus, em que é que nos metemos!

- Calma, não te enerves que não te vai fazer nada bem. Compreendo o que dizes – acariciou a minha face -. Bem, vou continuar a nossa conversa. Vou falar com os teus pais e vou dizer-lhes que quero assumir o meu filho, mas também quero muito, e isso depende também de ti, e é uma decisão que vais ter de tomar agora, quero muito viver contigo e continuar os estudos.

- E achas que vamos ser capazes? E como é que estás a pensar fazer? Nós vamos precisar de dinheiro e...

- Calma, calma, estás muito ansiosa – disse a segurar a minha cabeça que puxou para junto do seu peito -. Tem calma miúda, tem calma. Claro que vamos conseguir porque amamo-nos. Não és tu que costumavas dizer que os teus pais já passaram por algumas provações, mas que o amor deles venceu tudo?

- Sim, é verdade mas...

- Nada de mas. Também vamos vencer tudo e desde já. Não podemos é vacilar quando lhes comunicarmos a nossa decisão. Olha para mim – obedeci -, eu sei que vamos precisar da ajuda dos nossos pais porque vamos precisar de dinheiro e não só. Olha, eu estive a pensar no seguinte: como os meus pais não precisam deste espaço, talvez eles deixem que se adapte a uma casinha modesta para nós. Basta-nos dois quartos, uma cozinha com uma sala e uma casa de banho. O que achas?

- Parece-me bem Nando, e que mais? – respondi bem mais calma a vê-lo a falar com emotividade.

- Não deixamos de estudar e eles ajudam-nos com o bebé e com a nossa vida. Farei os possíveis para trabalhar, mais não seja farei part-time para termos o nosso dinheiro e ajudarei na agricultura. O que achas miúda linda?

- Aceito. Confio em ti Nando. Agora tenho a certeza que vamos conseguir – respondi a beijá-lo.

- Sei que somos novos, mas temo-nos dado bem e temos o amor que nos une. Se tens chegado para os nossos pais, também vai chegar para nós. Miúda linda, vamos embarcar nesta loucura os dois?

- Vamos sim meu querido Nando.

De coração apertadinho lá segui para a minha casa. Combinámos que a conversa a ter com os nossos pais, deveria ser a seguir ao jantar, de preferência após os meus irmãos mais velhos saírem para o café, como era hábito deles, e o mais novo ir para os afazeres dele no quarto.

É verdade que a minha família reparou que continuava nervosa, mas, como sempre, consegui safar-me com mais uma resposta fantástica inventada no momento.

Assim que na minha casa estava tudo a jeito, fui até à janela que estava virada para a casa dos pais do meu Nando, esperançada que ele já lá estivesse a aguardar no meu sinal, tal como combinado, o que aconteceu. Com o coração do tamanho de uma formiga, esperei que ele batesse à porta para eu a abrir. Mal o ouvi a bater, o meu corpo começou a tremer de tal forma que qualquer pessoa percebia.

- Tem calma miúda, pensa em ti e no bebé – disse a sussurrar já no interior da minha casa -. Boa noite Senhor Afonso e Senhora Vitória, posso entrar?

- Podes rapaz, entra – respondeu o meu pai que estava confortavelmente sentado em frente da televisão -. Então o que te traz por cá a esta hora?

- Boa noite Fernando. Entra e senta-te rapaz – convidou a minha mãe que se encontrava a lavar a louça.

O meu Nando estava, tal como eu, visivelmente nervoso. Pegou na minha mão e de seguida eu própria encaminhei-o para perto do meu pai. Inspirámos e ele iniciou aquela que foi a conversa mais difícil que tivemos na nossa vida.

- Bem Senhor Afonso, vim falar consigo e com a sua esposa sobre um assunto sério.

- Eh lá, assunto sério? Então? – questionou o meu pai como se estivesse a brincar com o meu Nando.

- Bem eu... Não sou eu, somos nós que...



- O que se passa rapaz? Desembucha lá – pediu a minha mãe já com uma expressão de preocupação a dirigir-se para junto de nós, deixando para trás o que estava a fazer.

- Bem, em primeiro lugar quero pedir desculpa em meu nome e em nome da vossa filha por vocês de nada saberem...

- O que é que nós precisamos de saber rapaz? – questionou o meu pai a colocar uma postura mais rígida enquanto olhava para nós, especialmente para as nossas mãos que estavam coladas uma à outra.

- Ora... - olhou para mim - Vocês precisam de saber que nós namoramos há dois anos...

- O quê? Oh rapazola sabes que idade tem a minha filha? – questionou o meu pai a interromper o Nando ao mesmo tempo que se levantou do sofá onde estava confortavelmente sentado.

- Calma homem, deixa o rapaz falar – retorquiu a minha mãe, com uma atitude própria da sua condição de mãe.

- Pai, nós namoramos e não te dissemos nada porque já sabíamos que ficavas assim e... – disse com o meu coração a querer sair do meu peito e a prender-me as palavras na garganta.

- Espera ai – disse o meu pai a olhar para nós fixamente -, ora espera ai. Se vocês nada disseram até hoje, porque é que estão agora aqui a falar disso e não continuaram a namorar às escondidas?

- Porque a sua filha... Porque a sua filha engravidou e... - o meu pai nem deixou o meu Nando acabar a frase, simplesmente dirigiu-se a ele e deu-lhe um valente murro na face, com tanta força que o deixou ensanguentado e caído no chão.

- Pai, para! – gritei a acudir o meu Nando.

- Minha filha, o que fizeste da tua vida? – questionou a minha mãe a chorar agarrada ao meu pai para o acalmar.

De seguida seguiu-se um imenso vocabulário feio da parte do meu pai, bem como várias tentativas para voltar a chegar perto de mim e do meu Nando. Só quando comecei a chorar compulsivamente e o meu Nando me abraçou, ainda caído no chão, a gritar na direção do meu pai para ele me respeitar, é que o meu pai parou de nos xingar.

- Senhor Afonso, estou aqui porque quero assumir o meu filho e porque quero viver com a sua filha – levantámo-nos -. Eu não a vou deixar e também não vou deixar que ela aborte, mesmo que o Senhor o exija – gritou o meu Nando ainda mais nervoso.

- Minha filha, minha filha – dizia a minha mãe chorosa a sentar-se.

- Desculpa mãe, não foi de propósito – respondi abraçada ao meu Nando, um pouco mais calma.

- Ainda não percebeste que desonraste a minha filha rapazola? E ainda a engravidaste? Estás a perceber bem o que fizeste rapazola? – gritou o meu pai, tendo a minha mãe se chegado a ele para que não voltasse a agredir o meu Nando.

- Pai... - gritei e comecei a chorar porque o meu pai fez-me sentir uma mercadoria.

- Estou aqui porque quero assumir esta criança e porque quero pedir-vos para nos deixarem viver juntos e seguir os nossos estudos. Estou aqui para assumir tudo e pedir-vos ajuda porque vamos precisar. Eu também vou pedir aos meus pais para nos ajudarem – disse o meu Nando num tom de voz mais elevado a consolar-me -. Pensei que talvez pudéssemos arranjar a arrecadação dos meus pais para ficar habitável, para vivermos os dois lá. Senhor Afonso, eu não... Tenho de vos pedir ajuda na criação do nosso filho e para continuarmos os nossos estudos. Vou tentar aproveitar todo o trabalho que houver, mas tenho a certeza que não vai chegar e que vamos precisar de vocês e dos meus pais.

- Pelo menos reconheces que precisas de ajuda, o que já não é mau – disse o meu pai num tom de voz forte, mas já mais calmo a sentar-se novamente no sofá, junto com a minha mãe -. E tu filha, o que tu queres? É que o rapazola só fala dele.

- Pai, desculpa – disse a ajoelhar-me no chão junto dele -. Olha para mim pai – obedeceu -. Sei que sou a tua menina, e que estás a sofrer e... Sei que vais sofrer com o falatório mas...

- Diz de uma vez o que queres tu – insistiu.

- O que o Nando disse já foi com a minha concordância pai. Eu quero o mesmo que ele e peço-te pai, por favor, confia em nós...

- O quê? Confiar em vocês? Então não são vocês que estão a falhar, sou eu? – olhou para mim e acrescentou de forma áspera - Achas que o que este rapaz te fez foi correto? Achas mesmo que posso confiar nele quando ainda és uma menina e...

- Pai, ele não fez nada sozinho! Eu também sou responsável pelo que está a acontecer! – gritei a levantar-me, tendo o meu Nando se aproximado de mim e colocado o braço sobre os meus ombros - Ouve-me pai, adoro-vos e percebo que esta notícia vos deixe mal, mas neste momento é o que temos e é sobre este assunto que temos de falar, nada mais. Não vale de nada neste momento mandarmos farpas uns para os outros.

- Ainda não respondeste ao teu pai filha – retorquiu a minha mãe visivelmente triste.

- Mãe, já disse que concordo com o Nando, já o disse mãe. Nós falámos há pouco e... Eu quero viver com ele e quero criar este filho com ele.

- Vocês nem sabem o que é a vida!

- Senhor Afonso, é por isso que precisamos de vocês ao nosso lado.

- E os teus pais Fernando? Eles já sabem disto?

- Não Senhora Vitória. Por uma questão de respeito achei melhor falar convosco primeiro. Ouçam-me, nós vivemos quase juntos e viram-me crescer por isso sabem que sou pacato, responsável e estudioso. Peço-vos apenas que confiem em mim. Bem, em nós.

- Uma questão de respeito. Rapazola, agora é que falas em respeito? Não achas que é tarde demais? – o meu pai estava visivelmente perturbado - Talvez seja melhor vocês falarem com os teus pais e depois falamos todos juntos e vimos o que fazer daqui para a frente.

- Obrigado Senhor Afonso. Senhora Vitória, quero pedir-lhe para acompanhar a sua filha numa consulta médica – pediu o meu Nando a olhar para a minha mãe enquanto eu lhe limpava o sangue que ainda tinha na face.

- Tem de ser mesmo filho, tem de ser. Meu Deus, o que vão falar de nós Afonso!

- Mãe, os outros são mais importantes que a tua filha?

- Cala-te rapariga e vão lá falar com os outros – disse o meu pai autoritário -. Vejam lá se falamos ainda hoje porque não quero dormir sobre o assunto a pensar. Mas como é que posso não pensar!

- Não acha melhor falarmos amanhã com os meus pais para a sua filha ir descansar porque está muito nervosa?

- É melhor irem fazer o que eu estou a mandar.

- Vão lá, vão lá – disse a minha mãe quase sem voz ainda a chorar.

Olhámos um para o outro e saímos da minha casa. Assim que pus os pés na rua, inspirei e sentei-me no banco que estava no pátio. O meu Nando abraçou-me e encorajou-me para seguirmos em frente. Mal me senti mais calma, levantei-me e seguimos o curto caminho até a casa do meu namorado. Fizemo-lo em silêncio mas, já junto da porta da casa, sem sequer olharmos um para o outro, abraçámo-nos e beijámo-nos.

- Tem calma miúda, a noite vai ser longa mas vai correr tudo bem. Pensa apenas em nós e nosso filho – disse a sorrir e a acariciar a minha face transmitindo-me muito amor e paz.

- Estou muito nervosa querido, até parece que vou parar de respirar – disse com as lágrimas a querer sair dos meus olhos.

- Tem calma, o pior já passou miúda, pensa assim. Vá lá, acalma-te para podermos entrar e falarmos com serenidade. Olha para mim - assim fiz -, estou ao teu lado, não sentes isso?

- Vamos lá então – suspirei.

Uma vez mais colámos as nossas mãos, suspirámos e entrámos. Quase que se ouviam os nossos corações a bater. Ao chegarmos junto da família do meu Nando, ele pediu à irmã para nos deixar a sós com os pais, tendo-os deixado perplexos a olhar um para o outro. De seguida, sempre de mãos dadas e a sentir os olhares dos pais dele sobre nós, sentámo-nos no sofá que estava disponível. Olhámos na direção deles e foi o Senhor Aurélio, o pai do meu Nando, que iniciou a conversa.

- Bem, ao ver-vos os dois de mãos dadas e com cara de caso, acho que vem aí bomba. Digam lá o que se passa.

- Pai...

- O teu pai tem razão. Não digam que vocês namoram! – exclamou a Senhora Nélia, a mãe do Nando.

- Namoramos sim mãe. Namoramos há dois anos.

- Bem, nunca dei por nada, estou surpresa com o que dizes filho, mas como conhecemos bem esta linda rapariga, por nós tudo bem filhos. Agora tenham é juizinho – disse a mãe do meu Nando com uma expressão facial em que se notava bem o seu espanto com o que acabara de ouvir.

- Tens razão Nélia, se já conhecemos a rapariga e até gostamos dela, têm o meu apoio, Agora não digam que vêm pedir autorização para namorarem! – exclamou o Senhor Aurélio a sorrir – É que por mim não há problema, têm é de ter cautela pelos motivos que a minha mulher está a dizer, ou querem que vos digamos quais os motivos?

- Pois... Nós agradecemos mas... - retorqui a gaguejar.

- Vocês ainda são novos por isso têm de ter a cabecinha no lugar, não é assim Aurélio? – interveio a mãe do meu Nando a levantar-se para me cumprimentar – És bem-vinda na família querida. Conhecemos-te desde o dia em que nasceste por isso fico feliz com o namoro.

- Os teus pais já sabem de vocês?

- Já pai - respondeu o meu Nando a levantar-se do sofá e a dirigir-se a mim para me agarrar novamente a mão -, mas não me parece que tenham gostado da ideia....

- Ora essa, conhecemo-nos a vida toda, qual é o problema deles? – reagiu o Senhor Aurélio.

- Bem Senhor Aurélio, é que nós ainda não vos falámos tudo e...

- Deixa-me falar miúda. Senta-te. Bem, estamos aqui porque não tivemos juizinho e...

- Oh filho, o que foste tu fazer? – questionou a Senhora Nélia a sentar-se ao mesmo tempo que olhou para nós de uma forma que ainda não sei como classificar.

- Peço-vos desculpa assim como pedi aos pais da minha miúda, mas nada aconteceu por querermos. Bem, vamos ter um filho... A miúda está grávida e... – respondeu o meu Nando cabisbaixo.

- Meu Deus filho! – exclamou a mãe.

- Oh rapaz, e agora? Com que cara vamos encarar os vizinhos?

- Ora pai, já pareces os pais dela! Não será muito mais importante olharem para nós e questionarem-nos sobre o que queremos fazer da nossa vida? – questionou o meu Nando chateado.

- Desculpa filho mas se não estávamos à espera que vocês namorassem muito menos estávamos a contar com uma notícia dessas – disse o Senhor o Aurélio a levantar-se do sofá.

- Oh filhos, o que foram vocês fazer! Vocês são tão novinhos para essa responsabilidade! E o que estão vocês a pensar agora? Não digam que os vizinhos querem que abortes – retorquiu a Senhora Nélia a olhar fixamente para mim -, isso é que não!

- Não, não é isso. Para dizer-vos a verdade nós pensámos em falar convosco apenas amanhã porque estou muito nervosa e o Nando preferia que eu descansasse esta noite, mas o meu pai insistiu para virmos agora falar e... Nando...

- Deixa miúda, eu compreendo-te, acalma-te. Se vocês nos conhecem, devem estar a perceber que algo correu menos bem para chegarmos a este ponto. No entanto, desde o momento que soube que ia ser pai, que me coloquei ao lado da minha miúda. Já o disse aos pais dela e vou agora dizer-vos que vou assumir o nosso filho, mas precisamos de vocês... E deles também, claro.

- Os meus pais querem que vocês e eles conversem ainda hoje sobre o assunto – disse-lhes timidamente.

- Continuem, continuem – pediu o pai do Nando.

- Pai, estivemos os dois a falar e decidimos que queremos viver juntos, mas também gostaríamos de continuar os estudos como devem estar a imaginar. Bem, pensei que talvez vocês nos pudessem ajudar a transformar o espaço da arrecadação que não usam para um espaço habitável e que nos ajudassem com o crescimento do nosso filho e com os nossos estudos. É claro que a ajuda que vos peço tem a ver com dinheiro... Só posso prometer que

farei de tudo para precisar o menos possível para manter a minha família, até porque penso arranjar um part-time e aproveitar outras oportunidades que surjam, mas tenho a certeza que não vou conseguir o suficiente – explicou o meu Nando calmamente com um brilho de esperança no olhar.

- Como cresceste meu filho! – exclamou a Senhora Nélia – Essa é mesmo a melhor decisão. Claro que vos vamos ajudar, não é Aurélio? É que também se trata do nosso neto. Vamos ser avós homem!

- Não há dúvida Nélia. Estou aqui a vê-lo e a pensar que soubemos mesmo educar o rapaz, senão ele fugia ou até exigia que a rapariga abortasse, como acontece muito por ai. Sejas bem-vinda filha, e façam conta com a nossa ajuda. Já perceberam que vai ser difícil não é verdade? – ambos respondemos afirmativamente - O povo vai falar mal de vocês e até vão fazer má cara quando passarem por eles na rua, mas cabe a vocês não ligarem a isso porque, quanto a nós, tudo bem, além de que ninguém tem nada a ver com a nossa vida.

- Obrigado Senhor Aurélio. Quem me dera que os meus tivessem reagido assim, com mais serenidade.

- Serenidade não filha, resignação. Tal como vocês disseram, agora nada há a fazer, por isso à que viver o momento e tomar as melhores decisões – levantou-se do sofá e dirigiu-se a nós -. Isto é que é coragem. Sejam felizes e vamos lá falar com os vizinhos que devem estar ansiosos à nossa espera e por isso quanto mais rápido falarmos melhor.

- Oh Aurélio, vou só avisar a menina que vamos sair.

- Está bem Nélia, vai lá. Ora tenho de me habituar à ideia de ir ser avô. Rapaz, que prenda de aniversário que acabas de me dar.

- E só fazes anos amanhã! Obrigado pai, muito obrigado pelo teu apoio.

- Nunca me cansarei de lhe agradecer Senhor Aurélio – disse a interromper o abraço familiar.

- Não têm de agradecer, têm é de ter muito mais juizinho a partir daqui, muito mesmo filha. Ora vamos lá mulher.

Lá fomos nós com o coração a querer sair pela boca até à minha casa. Quando chegámos, entrámos abraçados. Os meus pais estavam sentados à mesa a conversar. Tinham uma expressão facial de compaixão, o que me assustou.

- Boa noite vizinhos. Olha que grande partida que os nossos filhos nos fizeram! – exclamou o Senhor Aurélio a cumprimentar os meus pais.

- É verdade vizinho. Custa-me a acreditar que isto tenha acontecido. O seu rapazola.... – respondeu o meu pai.

- Calma meu amigo, o meu rapaz não esteve lá sozinho – pela face do meu pai, não gostou nem um pouco deste comentário -. Agora temos de encarar as coisas e levá-las da melhor forma.

- Ainda vos custa a acreditar? – questionou a mãe do meu Nando.

- Ainda vizinha, ainda, mas parece que a gravidez é um facto – disse a minha mãe resignada -. Sentemo-nos.

- Depois de ouvir os nossos filhos, nós decidimos dar-lhes todo o apoio que eles precisarem – disse o Senhor Aurélio -. Eles querem viver juntos e pediram-me a arrecadação para transformar numa casa. Até achamos bem até porque assim eles podem criar o nosso neto aqui connosco e nós podemos apoiá-los melhor porque vamos estar sempre com eles. O que pensam os meus amigos vizinhos sobre a decisão deles?

- Nós preferíamos não estar a passar por este momento – respondeu a minha mãe.

- Mas estamos e os nossos filhos vão precisar de nós Vitória – retorquiu a Senhora Nélia.